



RELATO DE EXPERIÊNCIA

O QUE SE ENSINA PARA QUEM ENSINA?: relato de experiência do Laboratório de Ensino de Ciências Sociais da UFV

Rayza Samento¹
Gianini Scarllat Cruz²
Pedro Pio Nascimento³

Resumo

Este relato de experiência se volta para a vivência de discentes e docente da disciplina Laboratório de Ensino de Ciências Sociais II, oferecida na Universidade Federal de Viçosa (UFV), localizada na zona da mata mineira. Apresenta-se a proposta do referido curso, obrigatório para a modalidade licenciatura, sua bibliografia de referência, discutindo especialmente o processo avaliativo realizado com os/as estudantes: a leitura de relatório de estágios realizados em escolas de anos anteriores, uma auto-correspondência para o eu docente do futuro e os trabalhos investigativos finais, focados no mapeamento de experiências de egressos/as do curso que atuavam como professores/as de Sociologia.

Palavras-chaves: Ensino de Sociologia. UFV. Avaliação.

What is teaching to who teaches? Experience report from the Social Sciences Teaching Laboratory

¹ Doutora em *Ciência Política* pela UFMG. Professora do Departamento de Ciências Sociais da UFV. E-mail: rayzasarmento@gmail.com.

² Graduada em Ciências Sociais pela UFV. E-mail: gianiniprojetos@gmail.com.

³ Gradando em Ciências Sociais pela UFV. E-mail: pedro.h.nascimento@ufv.br.

Abstract

This experience report focuses on the experience of students and professors of the discipline Social Sciences Teaching Laboratory II, offered at the Federal University of Viçosa (UFV), located in Minas Gerais (Brazil). The proposal of the referred course is presented with their reference bibliography, discussing especially the evaluation process : the reading of the report of internships carried out in schools of previous years, a self-correspondence for the future and the final investigative works, focused on mapping the experiences of graduates of the course who acted as teachers of Sociology.

Keywords: Sociology Teaching. UFV. Evaluation.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência compartilha os resultados obtidos com as formas de avaliação desenvolvidas no Laboratório de Ensino de Ciências Sociais II, uma disciplina voltada para estudantes de licenciatura, pensada especificamente para apresentar e refletir sobre o ensino de Sociologia no Brasil. Nossa experiência se dá no contexto da Universidade Federal de Viçosa (UFV), instituição de reconhecida tradição nas Ciências Agrárias, localizada na zona da mata mineira.

O curso de Ciências Sociais da UFV foi fundado em 2009, com as modalidades bacharelado e licenciatura e é um dos seis cursos de graduação da área oferecidos por instituições públicas no interior de Minas Gerais, conforme apresentamos em Sarmiento, Rezende e Santos Júnior (2019). Seu currículo passou por mudanças ao longo dos dez anos de existência, todavia sofreu uma modificação mais substantiva em 2019, após o projeto político pedagógico precisar ser refeito⁴. Nosso relato rememora o último ano antes desta mudança. Até 2018, os estudantes

⁴ Informações sobre o catálogo vigente e edições anteriores do curso podem ser consultadas em: <http://www.catalogo.ufv.br/>. As informações entre aspas sobre ementas e objetivos das disciplinas usadas ao longo do texto são oriundas desta fonte. Acesso em 26.04.20

decidiam a habilitação no terceiro período após ingressarem em uma matriz curricular comum. Daí em diante, os/as licenciandos/as cursavam disciplinas específicas e obrigatórias voltadas para o ensino, ofertadas tanto pelo Departamento de Ciências Sociais (DCS), como por outros como o de Educação (DPE).

Laboratório de Ensino de Ciências Sociais II (ou CIS 191, seu código institucional) era o primeiro contato dos discentes com a História da Sociologia como disciplina do ensino médio e era cursada no mesmo período que “as brasileiras” da grade - Sociologia, Antropologia e Política - direcionadas para os cânones nacionais de cada campo. O Laboratório I, que o antecedia como pré-requisito formal, estava focado sobretudo nos debates sobre escola e juventude. Já a CIS 191 previa como conteúdo a ser abordado: “O perfil do/a docente de Sociologia do ensino médio; Histórico da Sociologia como disciplina do ensino médio; implementação da disciplina no Brasil; os desafios das licenciaturas em Ciências Sociais.” A disciplina da UFV se aproxima, em seus objetivos, do relato de docentes do cariri paraibano, com a articulação “do ensino e da prática de pesquisa social, por entendermos que são dimensões intrínsecas, interligadas e indissociáveis” (MONTEIRO et. al., 2013, p.256).

No segundo semestre de 2018, cerca de 20 alunos e alunas cursaram o Laboratório II. Nosso foco neste texto são as experiências de avaliação desenvolvidas neste período junto desses/as estudantes. O texto é escrito por dois discentes da referida turma e a professora responsável pelo componente curricular, nossas vozes se alternam e se complementam ao longo do relato.

1 ENTRE PRESENTE, PASSADO E FUTURO: estratégias de avaliação de uma disciplina sobre ensino

Para alicerçar a condução da disciplina, a história e trajetória das Ciências Sociais, e mais particularmente da Sociologia no Brasil, foi nosso ponto de partida (MICELI, 2001; FILHO, 2014). Conhecer as disputas que se deram ao longo do

tempo até a legislação de 2008 (Lei nº.11684/08), que tornava-a obrigatória no ensino médio de todo o país, foi fundamental para as atividades desenvolvidas no Laboratório II. Meucci (2015) trouxe insumos essenciais para o entendimento do percurso, desde 1925, passando por diferentes reformas educacionais, bem como para a compreensão do contexto de nascimento em âmbito escolar, “antes de seu surgimento na universidade” (MEUCCI, 2015, p. 252) e ainda sua busca por legitimidade, luta que permanece até os dias atuais. O processo histórico auxiliou no entendimento acerca da “intermitência dos debates/presença da sociologia no ensino médio” (MORAES, 2003, p.11), sobretudo no tangente a pouca expressão de materiais didáticos e a própria desvalorização do docente da área (LENNERT, 2011), dois pontos explorados ao longo do semestre e das avaliações.

Essa reflexão se somou ao estudo de experiências de modalidades diferenciadas de ensino. A partir da discussão de Martins e Fraga (2015) e Carril (2017), e junto do exame crítico das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (sobretudo os pontos acerca dos “sujeitos estudantes do Ensino Médio” (BRASIL, 2013, p. 155), a turma dividida em duplas apresentou reflexões sobre as modalidades voltadas para educação indígena, quilombola, especial, de jovens e adultos, do campo, para população em situação de itinerância e em privação de liberdade .

Por se tratar de um Laboratório, buscou-se evitar processos avaliativos mais tradicionais, sobretudo provas. Na tentativa de tornar *o ensino para quem ensina* mais reflexivo, as avaliações tentavam convocar os sujeitos daquela turma a pensar sobre os diferentes momentos de sua formação. A avaliação se deu de forma continuada, com a distribuição dos pontos - exigidos pela instituição como nota final - ao longo de todo o semestre e não em momentos específicos.

Vale ressaltar que a literatura da área, ainda que pouco extensa, vem discutindo tais questões. Em relato publicado neste periódico, Rogério (2018), ao se debruçar sobre o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de Sociologia, da Universidade Estadual do Piauí (Campus Parnaíba), já sinalizava para a

necessidade de um aprofundamento das discussões sobre a docência no ensino médio, sobretudo da relação mais próxima entre os professores da rede estadual, os da licenciatura e os discentes. No caso piauiense, configurava-se de uma iniciativa do docente; na análise do cenário viçosense, ressaltamos se tratar de uma disciplina obrigatória, que demandava avaliação.

Para apresentar essa experiência, dividimos os momentos de avaliações em dimensões de passado, presente e futuro. Daqui em diante, o/a leitor/a perceberá que a escrita do texto se alterna de forma mais clara em duas vozes, da docente e dos discentes. Nosso relato combina esses dois lugares de fala e vivência.

1.1 Passado

Observar e ter contato com experiências pregressas desenvolvidas no curso de Ciências Sociais da UFV por colegas ainda licenciandos ou já egressos permeou parte da avaliação da disciplina de Laboratório.

Um desses momentos foi a análise crítica dos relatórios de estágio e diários de campo de outros colegas e as entrevistas com egressos/as. No primeiro momento, foram disponibilizados aos discentes da turma de 2018 parte dos relatórios, de forma anônima, de discentes que encerraram as disciplinas de Estágio Supervisionado. O DCS conta com um arquivo físico com todos esses documentos. A ideia ali era perceber como a escola era descrita, como se dava a relação entre o estagiário e a turma por ele acompanhada, bem como com o professor de Sociologia responsável por recebê-lo. Era como se os estudantes daquele período estivessem olhando uma fotografia da escola feita por estudantes anteriores do curso.

O encontro com docentes formados em outra graduação dando aulas de Sociologia, o tempo rarefeito disponibilizado à disciplina no ensino médio, as tentativas de proposição de atividades extraclasse (feiras de Humanidades) foram alguns dos temas mais comuns. Elogios dispostos nos relatórios sobre os professores que recebiam os licenciandos foram decodificados pelos estudantes de Laboratório II: “o profissional é visto como quem procura trazer metodologias que

fogem do sistema bancário (...) ele se propõe a aproximar a disciplina à realidade dos estudantes”⁵. Em outra escola, a interpretação sobre o estágio, a partir daqueles documentos, vai em sentido oposto: “a Sociologia é vista como uma disciplina dispensável, visto que a maioria das aulas observadas pela licencianda foram usurpadas pelos ensaios de quadrilha ou confecção de objetos decorativos”.

Em outro momento, os estudantes também em grupo decidiram dentre os temas que permearam o semestre para os quais gostariam de escrever seus trabalhos finais. Para a composição dos trabalhos, alguns dos grupos debruçaram-se em referenciais teóricos, realizaram entrevistas com estudantes e professores da rede pública de ensino, exploraram métodos avaliativos e repensaram as metodologias de ensino ainda utilizadas atualmente.

Experienciar a construção destes trabalhos finais induziu os estudantes a não só pensar em um possível futuro como docente de turmas do ensino médio, como também trouxe à tona reflexões sobre as experiências que os mesmos viveram em sala de aula.

Estar em contato com profissionais da área e entender como os conhecimentos abordados em nível de graduação são observados pelo “mundo real” serviram como forma de dirigir outro olhar para o futuro das profissões. Não como forma de incentivar uma desistência ou causar uma espécie de desilusão e desânimo, mas de estratégia para entrar em contato com o objeto e considerar mudanças e planos a partir dos Planos de Ensino e estruturas que já nos são precariamente disponibilizados. Por outro lado também, humanizou a prática docente, cuja formação durante a licenciatura é frequentemente acusada de ser muito “teórica”. Foi um ponto muito positivo para os discentes que se valeram de entrevistas para o trabalho final poder conversar (em meios que variaram entre conversas de aplicativo, encontros em salas de departamento (e até mesmo mesas de bar) com aqueles que um dia já estiveram em cadeiras semelhantes e passaram por questões que os licenciandos só descobririam ao ir à campo.

⁵ Citações oriundas dos trabalhos impressos em posse da docente.

Dois grupos focaram na formação em licenciatura obtida na UFV e suas experiências com egressos, explorando temas como o funcionamento do PIBID - Programa Institucional de Iniciação à Docência, Estágio Curricular Supervisionado, as condições e realidades da licenciatura em suas devidas épocas, perspectivas da época do curso e a realidade do ensino para além do que foi observado durante a graduação.

O pouco tempo disponível em sala de aula e a precarização do trabalho dos docentes apareceu também na trajetória dos egressos entrevistados pelos licenciandos da turma de Laboratório de 2018. Esses relatos se somam ao que a área vem diagnosticando, tal como Lennert (2011), que discute as implicações dessa desvalorização, por vezes expressa em contratos temporários, jornadas exaustivas, descontinuidade de projetos desenvolvidos e pouca oferta de concursos públicos.

O sentimento de menor prestígio em relação ao bacharelado e pouca articulação entre teoria e prática no interior da graduação também foram ressaltados. Conforme salientam Oliveira e Barbosa (2013), há poucas pesquisas sobre ensino de Sociologia nos programas de pós-graduação em Ciências Sociais e um distanciamento de muitos professores aos problemas e desafios específicos da modalidade licenciatura.

1.2 Presente

Na perspectiva do presente, uma das atividades realizadas em sala, em grupos de três pessoas, foi construir um programa de ensino de Sociologia para uma das séries do ensino médio, que sorteávamos no momento. É preciso lembrar que os estudantes estavam no quarto período do curso, haviam concluído apenas as disciplinas mais clássicas. O debate surgido naquele momento se voltou para a dificuldade em escolher, mesmo dentre os clássicos, o que abordar. “Temas ou

autores?”, questionavam-se entre si e a mim. A defesa pública dos programas criados era acompanhada do “a gente não tem certeza se pode ser assim”.

Aquele debate em sala sobre o currículo acompanha historicamente a Sociologia na escola, conforme já discutido por Fernandes (1954, p. 95), que já alertava que “não se deve visar a acumulação enciclopédica de conhecimentos”. Pereira (2015), mais recentemente, discute as disputas curriculares da disciplina e a dicotomia entre o o currículo real x oficial, mostrando que ainda se tem pouca clareza sobre como abordar, e em quais séries, conteúdos tão diversificados e plurais.

Dentro dessa discussão, veio à tona a adoção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada no final de 2018 com a adaptação e implementação a ser feita pelos estados⁶. A dificuldade de entender como proceder a partir dos itinerários formativos, a obrigatoriedade manifestada publicamente apenas de português e matemática nos três anos e a forma como escolas públicas e particulares iriam ofertar o conteúdo de Sociologia motivaram aulas específicas. Não só a disciplina, mas o curso acompanhou e promoveu discussões em conjunto com outros cursos de licenciatura.

Essa preocupação da turma se materializou em outros trabalhos finais, especialmente sobre os currículos desenvolvidos por egressos nas escolas de Viçosa e região e a presença da Sociologia nas provas do Enem. A partir de entrevistas com os ex-colegas de curso, um dos grupos ressaltou o tempo de atuação e a opção por temas e não por autores:

⁶ Em Minas Gerais, a redação, por parte da secretaria estadual de Educação foi realizada de forma mais contundente em 2019. A consulta pública foi acompanhada de um guia construído pelo executivo. Disponível em: http://www2.educacao.mg.gov.br/images/stories/noticias/2019/11-Novembro/GUIA_PARA_PARTICIPA%C3%87%C3%83O_CURR%C3%8DCULO_REFER%C3%8ANCIA_DO_ENSINO_M%C3%89DIO-FINAL.pdf. Acesso em: 15.06.20. O Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais lançou uma campanha pública com “Diga não à BNCC”. Disponível em: <http://sindutemgorgbr.task.net.br/novosite/conteudo.php?MENU=1&LISTA=detalhe&ID=10267>. Acesso em: 15.06.20.

O modo de montagem e as referências utilizadas para a elaboração do currículo de ambos os professores são marcados por várias circunstâncias que, talvez, possam influenciar no modo de elaboração do mesmo. Talvez, a mais significativa delas tenha sido o tempo de profissão em cada um dos casos. Enquanto o professor X leciona há cinco anos e, provavelmente, conhece melhor a realidade da escola onde trabalha além de conhecer também, o perfil dos estudantes de lá, a professora Y leciona há apenas oito meses, o que podemos julgar como pouco tempo para adentrar-se mais profundamente na realidade dos jovens estudantes. Outra aproximação entre os professores foi na forma em que ambos separaram os conteúdos abordados ao longo do ano. Em resposta, ambos falaram sobre uma separação por temas⁷.

Esse contato dos estudantes com as dinâmicas que se desenvolvem no presente também forneceu subsídios para a professora de Laboratório, à época recém-chegada na instituição - repensar suas práticas e as necessidades de aprimoramento da grade curricular da graduação, que naquele momento já passava por reformulação. Um processo rico e desafiante foi ouvir ex-discentes por meio das entrevistas realizadas por atuais discentes, entendendo suas narrativas e perspectivas sobre a profissão atual e a formação obtida. No evento de comemoração de 10 anos do curso, realizado em agosto de 2019, por exemplo, foi montada uma mesa de compartilhamento de trajetórias com egressos da UFV, atuando hoje em diferentes lugares do país.

1.3 Futuro

Se os desafios se apresentaram grandes no presente e no passado, o que o futuro reservará para aqueles licenciandos que cursavam Laboratório II? Eles mesmo responderam. Em uma das avaliações “valendo nota”, realizada no laboratório de informática do departamento, a professora solicitou no “comando da questão”:

Há muitos jeitos de planejar um futuro profissional, outros tantos de

⁷ Trabalho final da disciplina – versão em posse da professora.

registrar-lo. Quais os planos? Quantas metas até o fim do ensino superior? Quais percalços? Um desses jeitos é escrevendo para si mesmo. Esta avaliação consiste em uma auto-correspondência. Escrita em primeira pessoa, como pouco se pode escrever ainda na universidade, ela exigirá de você autoreflexividade em diálogo com a disciplina, em especial, com os textos sobre formação do/a licenciando/a e docente, bem como sobre metodologias de ensino. Hoje é 30 de outubro de 2018, escreva para o/a docente de Sociologia que você deseja ser daqui há 5, 10, 15 anos. Quem é o licenciando/a hoje? Quais as dificuldades de sua formação? Como se projeta? Qual escola deseja? Quem seriam os alunos? Quais métodos pretende desenvolver? O que não espera? Se não lembra como escrever uma carta, inspire-se em várias delas disponíveis no Correio do Instituto Moreira Salles: <https://www.correioims.com.br/carta/se-tenho-que-morrer/> Ao terminar, salve dois arquivos em pdf: um com seu nome e outro sem identificação. Envie para o email: xxxxx@gmail.com

O contexto sociopolítico de 2018 rendeu a nós, discentes e docentes do curso de Ciências Sociais da UFV, inúmeras reflexões e apreensões sobre o futuro desta área de conhecimento no Brasil. Analisando as cartas produzidas pelos discentes, é possível observar alguns pontos em comum, como a preocupação para com o futuro da profissão; receios no que diz respeito à “criminalização” das expressões políticas; a percepção do professor de Sociologia como um agente direto de mudanças nas vidas dos discentes; uma maior preocupação com a relação professor-aluno para além das salas de aulas; a necessidade de sempre se reinventar e não estar estagnado nas chamadas metodologias tradicionais de ensino. Em suma, as cartas analisadas faziam projeções pessimistas para os próximos períodos que viriam, mas esperançosas em si mesmas e em sua capacidade de serem agentes de transformação na escola.

Em 2018, me apego à esperança. Estou insegura, porém não há espaço para estagnar ou dar um passo para trás, muito pelo contrário, é momento de buscar cada vez mais meios de assegurar a existência e resistência daqueles que estão tão aflitos e inseguros quanto eu (...) sou uma estudante de licenciatura que sonha em ser aquela professora que os educandos procuram fora do horário de aula para discutir sobre a conjuntura política nacional ou sobre aspectos da comunidade em que o mesmo reside, da forma mais corriqueira imaginável. Sem medos. Sem repressão. Só diálogo

proveitoso com aqueles que se sentiram confortáveis o bastante com minha presença e atuação para se abrirem comigo⁸.

Esta avaliação, cuja natureza era desconhecida até o dia de ser executada, foi a princípio um alívio por não se tratar de um grande projeto de pesquisa ou uma prova que requeresse conhecimentos específicos de textos. Por outro lado, se revelou árdua em sua própria maneira. Não se é acostumado, na universidade, a tratar de si mesmo e ainda mais de seus pensamentos mais subjetivos. Não era, portanto, uma resposta que pudesse ser resumida de um artigo ou livro referência. Foucault, Dayrell, Freire, nenhum iria nos salvar. Ao final de tudo, tanto na carta quanto em nossos próprios futuros imaginados, a solução só viria de nós mesmos.

Logo, é perceptível em todos os escritos essa ideia do estudante como sujeito ativo do processo ocorrido em sala de aula e não apenas um receptor dos conteúdos programados pelas ementas e planos de ensino. Esse cuidado para construir uma nova percepção de escola e educação vem da observação e reflexão das próprias experiências dos discentes, em que “não cometer os erros que cometeram comigo” se torna uma espécie de mantra a ser levado para a carreira de docente. Contudo, a preocupação em não repetir os erros da docência alheia não pode esquecer das limitações que nos são impostas em todos os níveis, sejam eles dentro da escola ou por interferência externa, como falta de recursos e a limitação do conteúdo.

É comumente observado que inúmeras invalidações são direcionadas às Ciências Sociais como área do conhecimento e ciência composta por métodos e pesquisas. Esse descaso também é alvo das preocupações abordadas nas cartas, onde o futuro da profissão torna-se quase incerto quando os que regem os cargos de poder e gestão do país formalizam decisões a partir de uma ótica utilitarista e tecnicista, onde o/a cientista social é visto ora como alguém incapaz de produzir projetos e análises de interesse público, ora como ameaça quando não se curva diante dos interesses externos.

⁸Trabalhos em posse da professora. Os trechos aqui reproduzidos são de discentes que foram consultados e autorizaram o uso de suas auto-correspondências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso relato buscou refletir sobre as formas de avaliação desenvolvidas no Laboratório de Ensino de Sociais II da UFV, conduzido e cursado por quem escreve este texto. A disciplina não figura mais grade do curso com este nome, agora rebatizada de “Ensino de Sociologia”. Olhar para a forma como nos situamos em experiências do passado e atualmente desenvolvidas contribuiu para nossa formação nos dois lugares que ocupamos. Se o currículo do ensino médio não pode ser uma transferência enciclopédica de temas abstratos, já dizia Florestan Fernandes, o ensino na licenciatura também precisa se mostrar poroso às críticas, contribuições e inovações de quem passou por ela e agora exerce a Sociologia na escola.

Já o futuro, ainda mais em aberto. A conjuntura política e ascensão conservadora no país atacou ainda mais as Ciências Sociais, sobretudo com diminuição ou corte de fomento às pesquisas nessa área. A maior parte dos licenciandos matriculados naquela turma de 2018 concluiria a graduação em janeiro de 2021, plano já interrompido pela pandemia do coronavírus (que ainda ocorre enquanto terminamos este relato), a qual deslocou prazos acadêmicos, pessoais, expôs ainda mais nossas desigualdades sociais e sustou o que entendíamos por normalidade. Mas naquelas cartas para si uma certeza que também foi compartilhada é que esses futuros profissionais estarão (r)existindo e construindo saberes em prol da ciência e tecnologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, Florestan. O ensino de sociologia na escola secundária brasileira. *Anais do I Congresso Brasileiro de Sociologia*, 21 a 27 de junho, São Paulo, p. 89-106, 1954.

FILHO, Juarez Carvalho. O Ensino de Sociologia como Problema Epistemológico e Sociológico. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 59-80, jan./mar. 2014.

LENNERT, Ana Lúcia. Condições de Trabalho do Professor de Sociologia. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 31, n. 85, p. 383-403, set.-dez. 2011.

MEUCCI, Simone. Sociologia na educação básica no Brasil: um balanço da experiência remota e recente. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, Vol. 51, N. 3, p. 251-260, set.-dez. 2015.

MICELI, Sergio. Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais. In: MICELI, Sergio (org.). *História das ciências sociais no Brasil*, vol. 1. 2. ed. São Paulo: Editora Sumaré, p. 91-133, 2001.

MONTEIRO, José Marciano et. al. O papel dos laboratórios de pesquisa e prática de Ensino em Ciências Sociais: o desafio na formação de professores no Cariri Paraibano. *Revista Inter-Legere*, v. 1, n. 13, p. 250-267, set. 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Gerais da Educação Básica. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

MORAES, Amaury Cesar. Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato. *Tempo social*. 2003, vol.15, n.1, p.5-20, 2003.

OLIVEIRA, Amurabi; BARBOSA, Vilma. Formação de professores em Ciências Sociais. *Inter-Legere*, n. 13, p. 140-162, jul.-dez. 2013.

PEREIRA, Thiago Ingrassia. Disputas curriculares: o que ensinar de sociologia no ensino médio? *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, vol. 51, c. 3, p. 261-267, set.-dez 2015.

ROGÉRIO, Radamés Mesquita . Relato de Experiência sobre o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de Sociologia da Universidade Estadual do Piauí Campus Parnaíba. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*, v.2, nº.1, p. 124-134, jan./jun. 2018.

SARMENTO, Rayza; REZENDE, Daniela; SANTOS JÚNIOR, Hilton. (2019). Para além do horizonte. Ensino em Ciência Política no interior de Minas Gerais. *Civitas*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 605-624, set.-dez. 2019.

Recebido em: 30 abr. 2020

Aceito em: 15 jun. 2020

COMO REFERENCIAR ESTE TEXTO:

SAMENTO, Rayza; CRUZ, Gianini Scarllat; NASCIMENTO, Pedro Pio. O que se ensina para quem ensina? Relato de experiência do Laboratório de Ensino de Ciências Sociais. *Revista Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais. CABECS*, Rio de Janeiro, v.4, n. 1, p.56-69, 2020.